



O cotidiano da tragédia na obra de Nelson Rodrigues*

Marli Bergel**, Porto Alegre

Tendo como referencial psicanalítico a abordagem de Freud sobre os textos clássicos, tais como Édipo-Rei, Hamlet e Os irmãos Karamasov, a autora faz algumas reflexões sobre a tragédia na obra de Nelson Rodrigues e o impacto estético que suas peças teatrais exercem sobre o espectador. Os conflitos das tragédias clássicas e das rodrigueanas se assemelham: relações incestuosas, parricídios e fratricídios. Esses temas parecem ser motores das artes indicando sua presença constante no inconsciente do homem. O impacto estético que uma obra desperta depende de como tais temas são abordados pelo autor.

Descritores: Nelson Rodrigues; inconsciente; incesto; parricídio; fratricídio.

* Trabalho apresentado na mesa-redonda "Nelson Rodrigues e o cotidiano da tragédia", no VI Ciclo da Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre na 49ª Feira do Livro de Porto Alegre, em 15 de novembro de 2003.

** Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Considerado um dos maiores dramaturgos de nosso país, Nelson Rodrigues revolucionou o teatro brasileiro. Sua contribuição é marcada tanto pela temática quanto pela construção cênica das peças teatrais que criou. Os temas que aborda são aqueles universais da condição do homem e de sua inserção cultural. No entanto, em termos estéticos, são tratados de uma forma marcante.

O objetivo deste trabalho será deter-se em algumas idéias a partir das reações despertadas ao se entrar em contato com a obra rodrigueana, as quais parecem ter relação com a tragédia. Assim, dois tópicos serão tratados: a forma como Nelson Rodrigues apresenta suas tragédias, isto é, o impacto estético que provocam e sua ligação com o que denominamos, em psicanálise, de “sexualidade infantil”.

Ao tomarmos contato com o teatro de Nelson Rodrigues, entramos em um mundo de personagens envolvidos em relações de caráter incestuoso (pais e filhos, irmãos, cunhados, etc). A atração sexual pelo objeto proibido aparece, quase constantemente, não só na fantasia, mas concretizada na realidade e sempre acompanhada por sentimentos de inveja, possessividade, ciúmes. Invariavelmente, o final de um ou mais personagens é a morte violenta e trágica. Em seus textos, a morte e a tragédia parecem estar freqüentemente ligadas a estas relações de cunho incestuoso.

Incesto, parricídio, fratricídio e filicídio foram abordados, em diferentes épocas, em tragédias que se tornaram clássicas como *Édipo Rei* de Sófocles, *Hamlet* de Shakespeare e *Os Irmãos Karamazov* de Dostoiévski. Esses temas parecem ser motores da arte, e da tragédia especialmente, indicando sua presença permanente no inconsciente do homem.

Nas tragédias de Nelson Rodrigues, são tratados de uma forma tão direta e *crua* que causam impacto. Nos anos 40, período em que seu teatro começou a ser encenado, o choque foi grande. A sociedade recebeu suas peças com muita ambivalência. Segundo Rui Castro no livro *O Anjo Pornográfico* (1992), Nelson Rodrigues, taxado de imoral, tarado, indecente, era considerado um perigo à família e à sociedade “[...] por atentar contra a moral e os bons costumes” (p. 275) numa época de intensa repressão social. Paralelamente, foi recebido com aplausos por alguns intelectuais. Com o tempo, seus textos foram ganhando espaço, chegando inclusive ao cinema e à televisão. Apesar disso, as opiniões em relação à sua obra são divididas.

Mas, se os temas aos quais se dedicava são os mesmos das tragédias clássicas, aceitas universalmente, por que tanto espanto? Freud, que, com freqüência, utilizou obras literárias para compreender o ser humano, referia-se constantemen-





te aos clássicos citados anteriormente, para exemplificar a existência de impulsos incestuosos e assassinos no inconsciente das pessoas.

Em *Édipo Rei*, diz Freud (1928), esses impulsos são tratados de forma direta, pois o herói mata o pai e mantém relações sexuais com a mãe, das quais se originam seus filhos. No entanto, seus crimes – parricídio e incesto – são cometidos sem intenção consciente, na medida em que os motivos inconscientes estão projetados. Assim, Édipo obedece à força de um destino que lhe foi atribuído pelos deuses. Dessa forma, assistimos ao drama grego com a possibilidade de assumirmos o lugar do personagem, identificando-nos com ele e aceitando seu destino trágico, pois o autor introduziu o tema de forma suavizada e disfarçada. Para Freud, sem atenuantes e sem disfarces o tratamento poético de um texto seria impossível, pois despertaria muitas resistências na platéia.

É provável que aqui se encontre um dos motivos pelos quais os textos de Nelson Rodrigues tenham despertado, e provavelmente ainda despertem, ambivalências. Apesar de os temas serem os mesmos dos textos clássicos, apresenta-os de uma maneira tão direta e sem atenuantes, que provoca resistência, pois dificulta ao espectador colocar-se na pele do personagem.

Em nossos sonhos, os mesmos temas estão presentes e nossa mente encontra um modo de os sonhos chegarem à consciência de forma disfarçada. A censura, que age em relação ao inconsciente, trata de atenuar as experiências alucinatórias no sonho, de modo que possamos prosseguir dormindo. Quando acordamos assustados, angustiados ou chorando, é porque este mecanismo falhou.

O teatro rodrigueano, às vezes, parece como um sonho do qual acordamos angustiados por ter falhado a censura. A forma com que Nelson Rodrigues aborda o incesto, e suas conseqüências, é tão abrupta que desperta resistências. E esta reação acontece porque seus personagens cometem os crimes que a humanidade, desde os tempos imemoriais, relegou ao seu inconsciente através do trabalho da repressão.

Nelson Rodrigues apresenta-nos assuntos considerados tabus. Freud, ao abordá-los, no início do século XX, também despertou muitas resistências. Igualmente foi taxado de imoral por tratar de temas ligados à sexualidade infantil. A resistência ocorreu, e ocorre ainda hoje, porque os adultos seguem envolvidos com sua sexualidade infantil e não desejam tomar conhecimento dela.

Apesar de inserida em nossa cultura, a psicanálise, ainda hoje, sofre resistências, na medida em que busca a origem inconsciente dos sintomas ou das aflições do ser humano. E se algo foi deslocado para o inconsciente é porque, na consciência, provocaria sofrimento psíquico. O ser humano procura se proteger daquilo que pode arranhar seu verniz de civilização. E um dos aspectos que, se-



gundo a psicanálise, é prejudicial ao orgulho do homem estaria relacionado à sexualidade infantil. Portanto, trabalhar com as defesas e entrar em contato com a sexualidade infantil inconsciente envolvem sofrimento psíquico.

É também aos impulsos ligados à sexualidade infantil que Nelson Rodrigues se refere em suas peças de teatro. E por isso causam o impacto que sentimos quando entramos em contato com sua obra. De acordo com Rui Castro (1992), o próprio autor, ao perceber, em determinado momento de sua vida, que alguns admiradores o abandonavam, chamou seu teatro de desagradável, alegando que suas obras eram “pestilentas e fétidas” (p. 213). Tendo em vista que vão ao encontro direto, sem disfarces, dos nossos impulsos inconscientes, são obras *pesadas*.

Em outro momento, ao ser acusado de imoral e indecente, Nelson usou como argumento em sua defesa que seus textos eram “[...] obras morais. Deveriam ser encenadas nas escolas primárias e nos seminários” (Castro, 1992, p. 288). Provavelmente porque o final das mesmas é sempre trágico. Ou seja, através delas, transmite a idéia de que a passagem de tais impulsos incestuosos e assassinos da fantasia à ação inevitavelmente resultará em tragédia.

Acusado de morbidez e sensacionalismo, explicava: “A ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil para que não o sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós [...]. Para salvar a platéia é preciso encher o palco de assassinos, de adúlteros, de insanos e, em suma, de uma rajada de monstros. São os nossos monstros, dos quais nos libertamos, para depois recriá-los” (1992, p. 273).

Segundo Freud (1905), desde os tempos de Aristóteles, já se pensava que uma das finalidades do drama era a purgação dos afetos. O herói realiza determinadas proezas sem que precisemos nos sentir ameaçados em nossa segurança pessoal, já que é o personagem que sofre as conseqüências de seu heroísmo. Os heróis, dizia Freud, são, acima de tudo, rebeldes que se voltaram contra Deus ou outra divindade, ou mesmo contra a servidão das instituições humanas.

O tabu do incesto e a proibição do parricídio e do fratricídio foram conquistas da humanidade ao longo das eras. O ser humano, em seu processo civilizatório, precisou renunciar aos seus impulsos mais primitivos, transformá-los e sublimá-los em prol da vida em sociedade.

Freud, no texto denominado *Totem e Tabu* (1913), constrói uma hipótese a respeito do processo de civilização do homem. Supôs, a partir dos mitos gregos, da literatura e dos sintomas dos pacientes, que, em períodos muito remotos da civilização, teriam existido hordas primitivas, nas quais um pai violento e onipotente mantinha relações sexuais com todas as mulheres, inclusive filhas, e castrava, expulsava ou matava os filhos. Em dado momento, cogita Freud, os filhos



expulsos teriam unido forças e retornado à horda. Após matarem o pai e o devorarem com o objetivo de incorporar sua força, passaram a ter direito sobre as mulheres da horda, suas mães e irmãs.

No entanto, tendo em vista que a competição pelas mulheres (herança deixada pelo pai) teria trazido problemas de ordem social, fez-se necessária a criação de uma lei para que os irmãos pudessem conviver em harmonia, em prol da vida, pois, se não fosse assim, matavam-se todos. Surge então o totemismo. E, com ele, a instituição da proibição do incesto e do fratricídio, bem como o culto ao totem.

O totem (animal que não deveria ser morto e tampouco devorado – e do qual derivava a exogamia) representaria o pai morto, símbolo da lei e da ordem, a quem os filhos deviam respeito. Estabeleceu-se, então, um contrato social. Para Freud, esses seriam os primórdios da moralidade e da justiça. De tempos em tempos, ocorreria um *festim totêmico*. Encenação simbólica em que o animal representante do pai seria sacrificado e devorado, em uma espécie de purgação dos afetos. Mais tarde, no processo civilizatório, as religiões representariam uma forma mais evoluída de instituição de uma lei paterna em prol da civilização e de um convívio harmônico entre os homens.

Num certo sentido, poderíamos relacionar o *festim totêmico* da hipótese freudiana com a encenação de tragédias, desde os gregos até chegarmos ao brasileiro Nelson Rodrigues.

O incesto, parricídio e fratricídio ocorrem no palco, não na vida real. No entanto, todos extraímos algum prazer na medida em que nos identificamos com os personagens. Não é o ato mesmo. É apenas algo que o representa. Foi a forma que o ser humano encontrou de driblar o superego, as instituições humanas, sem cometer o crime. Aceito na medida em que é um faz-de-conta semelhante às brincadeiras das crianças, significando que as conquistas da cultura estão a salvo.

A vida em comunidade exige do ser humano a renúncia a seus impulsos mais primitivos como meio de aquisição de humanidade. Inibindo a meta de suas pulsões, conquista a capacidade de simbolização, responsável por muitos dos avanços da civilização e pela estruturação de um aparelho psíquico sofisticado, capaz de sublimar e transformar as pulsões. As obras de arte como a literatura e o teatro, por exemplo, são indicadores dessa transformação.

Voltando à obra de Nelson Rodrigues, a tragédia maior de seus personagens é não terem conseguido sublimar suas pulsões, tornando-se indivíduos com poucos recursos de ego para tolerar as frustrações. Porém, na medida em que representa aquilo que ficou reprimido na maior parte das pessoas, pode-se dizer que o teatro de Nelson Rodrigues é o teatro do mundo interno. É o teatro das





Marli Bergel

pulsões desenfreadas, existentes em nosso inconsciente, as quais é preciso transformar em prol da vida em comum. Transformadas, passam a ser o motor da vida. □

Abstract

Daily life in tragedy in the works of Nelson Rodrigues

Taking as a psychoanalytic reference Freud's approach to the classics, such as *Oedipus Rex*, *Hamlet* and *The Brothers Karamasov*, the author presents a few reflections on tragedy in the work of Nelson Rodrigues, and the esthetic impact of his plays on the spectator. The conflicts of the classical tragedies and those of Rodrigues are similar: incestuous relationships, parricides and fratricides. These themes appear to be what moves the arts, indicating their constant presence in man's unconscious. The esthetic impact aroused by such a work depends on how these themes are approached by the author.

Key words: Nelson Rodrigues; inconscient; incest; parricid; fratricid.



Resumen

El cotidiano de la tragedia en la obra de Nelson Rodrigues

Teniendo como referencial psicoanalítico el abordaje de Freud sobre los textos clásicos, tales como *Edipo Rey*, *Hamlet* y *Los Hermanos Karamasov*, la autora hace algunas reflexiones sobre la tragedia en la obra de Nelson Rodrigues y el impacto estético que sus piezas teatrales ejercen sobre el espectador. Los conflictos de las tragedias clásicas y de las rodrigueanas se asemejan: relaciones incestuosas, parricidios y fatricidios. Esos temas parecen ser motores de las artes indicando su presencia constante en el inconsciente del hombre. El impacto estético que una obra despierta depende de cómo tales temas son abordados por el autor.

Palabras llave: Nelson Rodrigues, inconsciente, incesto; parricidio; fatricidio.





Referências

- CASTRO, R. (1992). *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FREUD, S. (1942 [1905 ou 1906]). Personagens psicopáticos no palco. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 287-294.
- . (1913). Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 13-191.
- . (1928 [1927]). Dostoiévski e o parricídio. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 203-223.

Recebido em 19/03/2004

Aceito em 21/04/2004

Marli Bergel

Rua Dona Laura, 354/505
90430-090 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: marlibergel@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA